DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA

12 DE JUNHO DE 2021

CONCLUSÕES DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL KEVIN FARRELL

Tradução: Comissão Nacional da Pastoral Familiar do Brasil

Caros irmãos e irmãs,

Percorremos juntos um intenso caminho. Desejo exprimir a vocês mais uma vez a minha gratidão, pelo tempo dedicado, pela riqueza dos conteúdos que compartilharam em profundo espírito de comunhão. Agradeço de modo particular aos redatores e aos casais, que com dedicação exemplar, nos doaram suas reflexões, apresentando o testemunho de um magistério "encarnado" que resplandece em suas vidas através de seu amor conjugal e do seu empenho apostólico.

Obrigado também aos movimentos e aos grupos que, com generosidade e solicitude nos enviaram os vídeos, dando-nos a possibilidade e rezar *on-line* juntos, conseguindo assim anular as distâncias intercontinentais que nos separam e colocando-nos em uma atmosfera de abertura do coração e da razão às solicitações do Espírito Santo.

Procuramos nos escutar reciprocamente para dar continuidade à terceira fase da assembleia sinodal que, em 2016, conduziu à publicação da *Amoris Laetitia.* Este ano pastoral dedicado à Família, tem justamente a finalidade de atuar, de modo mais incisivo, nesta terceira fase de implementação dos trabalhos sinodais. Estou convicto de que destes dias poderemos alcançar frutos que nos possibilitarão compreender, cada um na sua própria realidade, a forma de realizar concretamente a "conversão missionária" à qual nós, na pastoral familiar, somos chamados (cf. AL, n. 201).

A *Amoris Laetitia* é de fato um texto rico de indicações práticas, mas, sobretudo teológicas, eclesiológicas e pastorais, que pode não apenas estimular a iniciativa em âmbitos aos quais a pastoral familiar se dedicou até agora de forma fragmentada, como também ajudar a entender em

quais destes âmbitos é necessário empenhar-se de modo prioritário para abordar com as famílias os desafios mais complexos a serem enfrentados.

Um serviço importante a ser oferecido é tornar o texto conhecido, tanto para fornecer conteúdos espirituais como para caminhar com as famílias, mostrando-lhes que Igreja somos todos nós, membros de um único Corpo, e que cada um de nós, e cada família em particular, é chamada a um vigoroso empenho apostólico para evangelizar as novas gerações com o testemunho vivo e encarnado do amor de Cristo. A Igreja precisa saber escutar as inspirações do Espírito Santo e procurar levar um "alto" ideal de vida cristã no âmbito das relações familiares, tendo, porém, ao mesmo tempo "os pés bem fincados no chão" para considerar as dificuldades concretas que as famílias vivem.

Na pastoral familiar, não podemos pressupor coisa alguma, é necessário pensar, planejar e agir juntos, leigos e pastores, para atuar naquele caminho sinodal indicado pelo Papa Francisco desde o início do seu pontificado. Isso se concretizará brevemente, em outubro próximo quando será aberta a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. O tema escolhido pelo Santo Padre é: "Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão". "O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio. (...) Caminhar juntos – Leigos, Pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de se exprimir com palavras, mas não tão fácil para se colocar em prática", afirmou Papa Francisco por ocasião da comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, em 17 de outubro de 2015.

Este é o *modus operandi* da Igreja, forma e substância do pensamento que deve nos animar e da ação que devemos desenvolver para retornarmos incessantemente à essência da Igreja e para nos orientarmos a uma evangelização adequada para os nossos tempos.

Podemos considerar estes quatro dias vividos juntos de modo especial, pela pastoral familiar, como o lançamento do processo sinodal que, à luz de todas as inspirações que tivemos nestes dias, deverá gradualmente nos conduzir àquela improrrogável renovação eclesial da qual o Papa Francisco fala na *Evangelii Gaudium* (cf. n. 27-33). O Sínodo não será um evento, mas um processo de discernimento que convoca, desde já, todos nós, a nos colocarmos à escuta do Espírito para compreendermos como viver a "comunhão, participação e missão" com as famílias do mundo inteiro.

Os atuais desafios não nos devem assustar nem "preocupar", mas certamente nos "ocupar" na busca de alguns objetivos concretos que devem fazer parte do nosso plano pastoral, relativos à metodologia e aos critérios a serem adotados.

Nessa perspectiva, desejo apresentar a vocês alguns pontos que possam nos ajudar a fazer uma síntese destes dias, e assim dar prosseguimento a este processo de discernimento sinodal e de atuação das indicações presentes na *Amoris Laetitia*. No capítulo 6 da Exortação Apostólica em particular, podemos encontrar alguns critérios que podem agora ser úteis para nós:

É necessário insistir na subjetividade pastoral das famílias (AL, n. 200). Nossa responsabilidade como Igreja é "cooperar na semeadura: o resto é obra de Deus". Para isso, torna-se necessário um "esforço evangelizador e catequético voltado para o interior da família", de modo que esta se conscientize da missão que lhe é confiada. As famílias precisam hoje descobrir que, junto com o sacramento, receberam uma missão, pela qual, elas são insubstituíveis na obra de edificação da Igreja ao lado dos pastores.

"É a paroquia aquela que oferece a principal contribuição à pastoral familiar, já que ela é uma família composta por famílias, onde se harmonizam as contribuições das pequenas comunidades, dos movimentos e das associações eclesiais" (AL, n. 202).

Juntamente com uma pastoral especificamente orientada para as famílias, percebe-se a necessidade de "uma formação mais adequada para os presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, para os catequistas e para os demais agentes de pastoral". Ressalta-se que estes carecem, habitualmente, de formação adequada para tratar dos complexos problemas atuais das famílias (cf. AL, n 202). A presença dos leigos, das mulheres e dos casais na formação dos sacerdotes "favorece a complementariedade das diversas vocações da Igreja".

Uma boa preparação pastoral é importante também em vista de particulares emergências, como são, por exemplo, os casos de violência doméstica e de abuso sexual (cf. AL, n. 204).

É prioritária a formação dos acompanhadores na preparação ao Matrimônio: neste sentido torna-se necessário "um maior empenho de toda a comunidade cristã" (AL, n. 206) particularmente dos casais que, uma vez formados, possam se dedicar à formação de outras famílias. Estar atentos a não limitar a pastoral a um grupo de casais colaboradores que não se renova; isso pode fechar a

pastoral a uma ação dinâmica e eficaz, quando na realidade essa tem necessidade de uma constante renovação. É sempre possível encontrar novos casais dispostos a se formarem e a colaborarem na missão pastoral da paróquia, também através das associações, movimentos e novas comunidades (cf. AL, n. 223). É somente formando famílias e jovens que podemos tentar renovar a pastoral familiar e dar possibilidades aos jovens de atuar aquele sonho de família do qual todos nós ouvimos falar.

"A pastoral familiar deve ser essencialmente missionária, em saída, na proximidade, e não tanto reduzir-se a uma fábrica de cursos aos quais poucos participam" (AL, n. 230).

Uma atenção particular deverá ser dada às famílias em crise conjugal ou outros tipos de dificuldades. "Um ministério dedicado àqueles cuja relação matrimonial foi quebrada, mostra-se particularmente urgente" (AL, n. 238).

"É indispensável um discernimento particular para acompanhar em modo pastoral, os separados, os divorciados, os abandonados. Deste contexto nasce a necessidade de uma pastoral da reconciliação e da mediação, também através da escuta especializada, a ser criada nas Dioceses", sobretudo se há filhos, de modo que a ação se desenvolva mantendo o maior interesse nos menores. Ao mesmo tempo, os separados fiéis devem ser encorajados. "A comunidade local e os Pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude, sobretudo quando há filhos ou quando é grave a situação de pobreza da família" (AL, n. 242). Aos pais divorciados que vivem uma nova união, é necessária uma atenção particular para acompanhá-los na sua função educativa (cf. AL, n. 246). Não existe apenas o aspecto do cuidado para com o casal, mas nestes casos, da sua relação educativa com os filhos, que em tais situações, pode se tornar problemática.

Levando em consideração todos os aspectos que nestes dias abordamos juntos e que são prioritários, se vê a necessidade de uma pastoral que procure atingir também as famílias não praticantes; que se realize em espírito de comunhão entre as paróquias, institutos religiosos, associações e movimentos; que se dirija a todos e não se limite a alguns grupos particulares; que tenha em vista as reais situações das famílias, também daquelas que passaram a viver de uma forma não plenamente conforme as indicações da moral católica, que experimentam situações complicadas de divisão ou inconvenientes de qualquer tipo.

Temos aqui hoje reunida uma representação da Igreja universal, e que poderia continuar a trabalhar unida de maneira constante. Por isso, desejamos solicitar o crescimento de

relacionamentos estáveis entre nós, tanto como Santa Sé, como na qualidade de conferências episcopais, movimentos e associações, mas também entre vocês, em um espírito de autêntica comunhão e estima recíproca.

Trata-se de trabalhar juntos para trocar ideias, projetos, e serem juntos mais eficazes a nível prático e capilar no atingir a base, as famílias. Nos encontros aos quais já demos início junto às conferências episcopais, emergem o desejo, a necessidade e a gratidão pelos contatos diretos que estão se criando entre os responsáveis da pastoral familiar. Isso ajuda também a fazer circular as informações e não se sentirem sozinhos nas dificuldades, o que é natural que aconteça.

Agradeço-lhes, portanto, ainda uma vez e os convido a prosseguir a nível local este processo sinodal com as famílias, tendo em vista também o próximo Encontro Mundial das Famílias, para entender como atuar e integrar os vários tesouros resultantes destes dias e que cada um de vocês terá recolhido de forma diferente, adequando-os à própria realidade geográfica e cultural.

O Ano da Família *Amoris Laetitia* prossegue e está em suas mãos.

Confiemos a Maria Santíssima e a São José os frutos deste encontro, para que possa gerar em todos nós o desejo de caminhar juntos como Igreja para renovar a pastoral familiar e envolver muitos outros irmãos e irmãs nesta extraordinária missão de evangelizar as famílias que o Senhor nos confia.

BIOGRAFIA

S. Em. Card. Kevin Farrell nasceu no dia 2 de setembro de 1947 em Dublim (Irlanda) e foi ordenado sacerdote no dia 24 de dezembro de 1978.

Após ter exercido o ministério como capelão da Universidade de Monterrey no México, a partir de 1983, atuou nos serviços pastorais junto à paroquia de São Bartolomeo em Bethesda, nos Estados Unidos da América. Atuou depois como vigário em várias paróquias da arquidiocese de Washington, sendo

diretor do Centro Católico Espanhol, diretor executivo e regente das Organizações Caritativas Católicas, secretário para negócios financeiros da arquidiocese e pároco da Anunciação.

Desde 2001, ocupou o cargo de vigário-geral da Administração e moderador da Cúria. Em 28 de dezembro do mesmo ano, foi nomeado pelo então Papa São João Paulo II, bispo auxiliar de Washington, recebendo a sagração episcopal em 11 de fevereiro de 2002.

Em 6 de março de 2007, o Papa Emérito Bento XVI confiou-lhe a Diocese de Dallas. No decorrer de seu ministério episcopal assumiu vários cargos: chanceler da Universidade de Dallas, membro do Conselho administrativo da Universidade Católica da América, da Papal Foundation, da Basílica do Santuário Nacional da Imaculada Conceição, do Instituto Santa Lúcia em Washington; presidente da Nova Evangelização da América; delegado nacional dos Congressos Eucarísticos Internacionais; moderador episcopal do Conselho Consultivo para a Gestão Financeira Diocesana.

Dentro da Conferência Episcopal Norte-Americana, assumiu a função de tesoureiro; presidente do Conselho de Balanço e Finanças; presidente do Conselho das Coletas Nacionais; membro do Conselho para o Culto Divino; consultor do Conselho da Imigração; membro do Grupo de trabalho para a promoção das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada.

Em 15 de agosto de 2016, Papa Francisco o nomeou Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida.

Foi nomeado Cardeal da Diaconia de São Julião Mártir, pelo Papa Francisco no Consistório público ordinário de 19 de novembro de 2016.

É membro:

- da Administração do Patrimônio da Sé Apostólica;

- da Comissão Pontifícia para o Estado do Vaticano;

- da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

Em 14 de fevereiro de 2019, foi nomeado Carmelengo da Santa Igreja Romana, pelo Papa Francisco.